

**A criança não sem a loucura dos pais e da ciência:
o avesso de Medeia¹**

Samyra Assad

Efeitos da ciência

Muitas são as tentativas de domínio, pela ciência, sobre a natureza, das quais somos expectadores, como, por exemplo, em relação à experiência com seres humanos. É certo que fatos da natureza são usados para se obter novos sintomas²contribuindo, assim, para a modificação de uma posição subjetiva no estilo do progresso de um tempo, tal como Lacan utiliza para dizer dos efeitos da ciência na humanidade.

A posição do sujeito inaugura a ciência e, conseqüentemente, essa posição se vê ali modificada, ao mesmo tempo em que a ciência a incrementa ainda mais³. É notório que esse movimento guarda em seu âmago um processo de redução. Ao lado disso, parece haver uma metonímia que se desencadeia de forma galopante a partir de um ponto de gozo do sujeito da ciência, cuja visada se baseia na exigência de satisfação rápida e imediata.

Sabemos que o impacto da evolução científica no mundo requer sempre a elaboração de novas ficções jurídicas, como também religiosas, as quais se tornam obsoletas pela ineficácia de se estabelecer uma norma diante de tanta rapidez⁴. E assim, continuamos “desbussolados”...

Desse modo, aqui, o enfoque se dará sobre uma mudança naquilo que chamamos, por exemplo, de laço familiar, ou seja, nas novas configurações da paternidade. E, por que não dizer, da maternidade também, esta assentada na marca da sexualidade feminina que, a meu ver, tem uma relação moebiana com o sintoma da criança que uma mulher gera ou adota, se me permitem a ambigüidade que essa frase faz

ressoar: a criança na mulher – seu lugar de satisfação sexual⁵.

No fundo, a figura da mulher e, nela, o lugar da criança é que novamente requererão a nossa atenção. Mais especificamente, estaremos atentos ao que é possível pensar a partir daí, sob outra perspectiva, de tal maneira que somos conduzidos a refletir sobre a abrangência do termo “experiência”, mais além das famílias mono e homoparentais dentre as novas configurações do laço familiar. Precisamente, trata-se de um percurso que vai do laboratório científico, dos tubos de ensaio, à matéria que se corporifica na decadência dos ideais e na artificialização da natureza no campo da reprodução assistida. Eis o nosso objeto de investigação, diante de certo *materalisme*.

O fenômeno da fecundação dentro de um laboratório exhibe, portanto, o que podemos chamar de redução, processo que tem a seu cargo evacuar todo efeito simbólico e imaginário ligado à procriação. Esvazia-se o fenômeno de sentido, porém este retorna sob a forma de gozo, de um objeto de gozo, a saber, o embrião, cujo futuro ganhará a marca da inscrição da linguagem para o advento do infantil. Mais um ser chegará ao mundo. O que o espera? Quem o espera?

De todo modo, no campo da reprodução – se quiserem – insistida, trata-se de perceber aí o lugar do pai, de onde extraímos inclusive a prova de que sua noção não se confunde com a fecundidade; também o lugar da mãe que deixou de ser certíssima e, como não dizer, finalmente, o da criança: produto de uma invenção, às vezes delirante, tanto dos pais quanto da ciência.

A satisfação na criação

Por outro lado, em nome da busca de uma satisfação mercadológica dos empresários responsáveis pelos laboratórios farmacêuticos, não é raro, por exemplo, assistirmos à criação de enfermidades que se tornam epidemias, ou à excessiva tendência à medicalização pelo *marketing* da oferta de felicidade e de cura pelos comprimidos, e suas consequências nas funções vitais do homem. A humanidade, de algum modo se percebe modificada nas crenças, nos sintomas e nos sonhos de cada um, à medida que uma posição subjetiva sofre modificação, no estilo de um tempo.

Esse preâmbulo nos permite trazer duas vertentes que podem confluír: de um lado, a criação de enfermidades; de outro, a "criação", no sentido mais restrito desse termo, de crianças pelos geneticistas semideuses. Será preciso saber o que isso quer dizer em se tratando da nutrição de uma loucura, quando a criança se torna objeto no desejo dos pais, pelo qual uma satisfação pode, supostamente, ser obtida. A criança também pode equivaler, nos efeitos produzidos de uma ciência, a um objeto, à medida que ela se torna um meio de consumo, ou a própria enfermidade de uma mulher, via uma parceria sintomática..., tal como uma mãe – extremamente angustiada com o cuidado exigido pelos quatro filhos que lhe vieram de uma só vez, amputando seu desenvolvimento profissional – me disse: "parece que estou sendo engolida pelos meus filhos", para depois, finalmente, complementar: "acho que não caiu a ficha de que sou mãe". E sofre, sofre muito.

Será mais do que um dever ético escutar qual a singularidade de um nome próprio "incorporado" aí, diante da metonímia de gozo dos pais pela via da ciência, ou mesmo, diante da metonímia do gozo somente da mãe. Enfim, em que termos a transmissão de um Nome para o sujeito se fará?

Certamente, essa singularidade sobrevém como pano de fundo de toda e qualquer invenção à qual nos submetemos ou da qual nos apropriamos, bem como quando assistimos aos seus efeitos...

A previsão de Lacan

Não sem surpresa, reproduzo, com as datas, alguns pontos trazidos por Lacan que estariam dentro do nosso propósito de investigação.

1957: um jornal noticiava a experiência de uma mulher que, depois da morte de seu marido, tinha filhos a cada dez meses, devido a um pacto de amor eterno com o qual o marido lhe permitiu perpetuar o estoque de sêmen. Diz Lacan:

[...] esta novidadezinha que não parece nada, foi preciso esperá-la, quando teríamos podido imaginá-la. É a ilustração mais fascinante daquilo a que se chama o x da paternidade. Quando lhes digo que o pai simbólico é o pai morto vocês vêem nisso sua ilustração. Mas, [...] a importância dessa observação é que, neste caso, o pai real é também o pai morto⁶.

E, para dizer das crianças que serão conservadas em vidrinho, Lacan complementa:

Cortaram, nessa ocasião, alguma coisa ao pai, e da maneira mais radical: a sua palavra. A questão é então saber como, por que via, sob que modo se inscreverá no psiquismo da criança a palavra do ancestral, da qual a mãe será o único representante e o único veículo. Como é que ela vai fazer falar o ancestral enlatado?⁷

1960:

Será porventura preciso que sejamos alcançados pela prática, que em algum momento talvez adquira força de uso, de inseminar artificialmente as mulheres, liberadas das restrições do falo, com o esperma de grandes homens, para que extraiam de nós um veredicto sobre a função paterna?⁸

1974: como uma espécie de visão do futuro, Lacan presumiu a perda da dimensão amorosa no que tangeria à

subjetividade, a partir de uma ordem de ferro que substituiria a referência paterna ou o amor ao Pai da ordem simbólica.

Bem, com esses momentos franqueados por Lacan desde a metade do século XX, insistimos na diferença que se estabelece quando a questão de que se trata vai mais além da carne. Estamos trabalhando, enfim, com o significante "reprodução" e sua incidência no regime do Mestre contemporâneo, o que, inevitavelmente, traz suas consequências, em uma espécie de série - na criança, nos pais e na ciência que daí advém.

Ser nomeado para...

A criança, nisso tudo, como dissemos, pode se tornar um objeto: de troca, de experimento, de meio, de mercado, de tráfico, enfim, de tudo aquilo que diz respeito a uma busca de satisfação desenfreada e imediata. Podemos dizer inclusive que a criança pode até ser "descartada", caso ela "não sirva", guardada a relação crua e selvagem com crianças sendo jogadas pela janela, nos lagos, no lixo, além dos embriões que não correspondem ao caráter idealizado de uma carga genética que pudesse cumprir o ideal de certa perfeição (cor dos olhos e cabelos, tipo de inteligência, tempo de vida).

O embrião, segundo o que a ciência genética permite presumir, teria um destino: o seu congelamento para posterior utilização, ou não. Suas células-tronco poderiam ser úteis para o tratamento de alguma doença. Casais obcecados ou desejanter de terem um filho a qualquer custo poderiam, enfim, adotá-lo sob variadas formas que permitissem o seu crescimento.

É possível extrair nesse contexto uma "ordem de ferro", tal como podemos também observá-la em um livro recentemente lançado por uma chinesa (de quem me foi impossível guardar o nome), de grande repercussão nos EUA,

no qual, dentre outras coisas, se lê que quando a criança não obedece, ela é nomeada "lixo". No Brasil, temos algo semelhante com a "Supernani", à qual, por esse "super" – supõe-se –, seria possível solucionar uma desordem familiar com o que deveria ser feito ou falado pelos pais à criança, sob o enfoque de uma visão eminentemente ortopédica: "faça isso! faça aquilo!"

Do mesmo modo para a reprodução assistida: "tenha um filho de olhos azuis e cabelos negros!... E com a inteligência de Einstein!..." E tantas outras imposições... "superegoicas". A questão cientificista implica que tudo aquilo que nos torna humanos há de ser suscetível de medida. Abre-se, dessa forma, um caminho em direção ao autoritarismo científico, o qual dirá o que é bom, o que é ruim, o que devemos fazer e também o que deveremos ser a partir da manipulação genética e condutora.

A ordem de ferro, segundo Jacques Lacan, torna-se signo de uma "degeneração catastrófica", tal como hoje, de fato, percebemos quando fazemos alusão à queda dos ideais e a uma ascensão privilegiada do gozo. No lugar do Nome-do-Pai que organiza uma ordem simbólica para o sujeito, a ordem de ferro agora é trazida para indicar um certo "ser nomeado para algo", assinalando, dessa forma, um funcionalismo radical que passou ao primeiro plano.

Nesse lugar outorgam-se um nome e um corpo, e a este só cabe ser crucificado, padecido, medido, calculado, previsto, "tecnologizado", se podemos dizer assim. Esse "ser nomeado para" vem no lugar de um furo, que flexibilizaria os elementos do corpo simbólico, tamponando-o, assim, com a "estabilidade" de um falso ser.

Do aspecto eminentemente funcional daquilo que serve ou não em nossa contemporaneidade, enfim, da geladeira da ciência ao forno da fratura da família tradicional, podemos destacar, sobretudo, o fato de que a criança pode produzir certa objeção à crença no ficcional, principalmente a

partir do seu lugar real. O que se faz com “isso” que agora grita, chora e, por vezes, pode trazer culpa aos pais adotados de não estarem à altura dos ideais transmitidos pela tradição? Qual o efeito dessa possibilidade que se abre nessa brecha da reprodução assistida? Talvez um caminho do real ao simbólico... mediado pelo imaginário.

Situações contemporâneas

Percebe-se que, na experiência da reprodução assistida, temos, ao mesmo tempo, um parentesco “genetizado” e um parentesco que anominiza a carga genética dos gametas. Assim, de um lado, os gametas são anônimos para a construção da identidade de parentesco e, de outro, o parto e a lactação naturalizam-se como as substâncias biológicas que marcam essa continuidade. A mãe é certa quanto ao parto, não quanto à “carga genética”⁹.

A adoção internacional – muito custosa, inclusive –, diz respeito aos embriões órfãos congelados, restos de uma experiência científica em relação ao uso de células-tronco embrionárias. Outros embriões congelados são provenientes do armazenamento nos bancos das clínicas de reprodução, depois que os casais se submetem ao tratamento de fertilidade. É inegável que a aquisição desses embriões comanda um consumo particular, e que a inexistência do Outro está em jogo.

Tudo isso, afinal, faz com que assistamos a uma “desfilhação” dos gametas, até com a intervenção e ajuda do campo religioso para se adotar essas incipientes “crianças” órfãs congeladas. De todo modo, diz-nos Éric Laurent:

[...] não há, *a priori*, nenhuma razão pela qual isso produziria necessariamente, crianças psicóticas, ou homossexuais. Sob reserva de pesquisa e de investigação, acredito que o futuro passará pela invenção de ficções jurídicas que permitirão regravar o problema, mas que deverão ser elaboradas sem preconceitos

conservadores, mas também sem entusiasmo progressista, sem ingenuidade¹⁰.

Passarei, então, a comentar um exemplo em que o campo jurídico foi chamado a se apresentar, e no qual o efeito de riso pode indicar a seriedade de uma não ingenuidade necessária diante dos rumos do sintoma na civilização atual. Certamente deve haver algo que se transmite nesse sentido, que se traduz no convite à distinção entre um dom e uma ferocidade do ter. Tive acesso a essa notícia recentemente pela Internet, cujo título ou comentário do assunto era o seguinte: "Só rindo - Justiça decide: esperma é propriedade da mulher!" Passo à notícia:

Usar esperma para engravidar sem autorização do homem não caracteriza roubo porque 'uma vez ejaculado, o esperma se torna propriedade da mulher'. O entendimento é de uma corte de apelação em Chicago, nos Estados Unidos, que devolveu uma ação por danos morais à primeira instância, para análise do mérito. Nela, o médico Richard Phillips acusa a colega Sharon Irons de 'traição calculada, pessoal e profunda', ao final do relacionamento que mantiveram há seis anos. Sharon teria guardado o sêmen de Richard, depois de fazerem sexo oral, e usado o esperma para engravidar. Richard Phillips alega ainda que só descobriu a existência da criança quando Sharon ingressou com ação exigindo pensão alimentícia. Depois que testes de DNA confirmaram a paternidade, o médico processou Sharon por danos morais, roubo e fraude. Os juízes da corte de apelação descartaram as pretensões quanto à fraude e roubo, afirmando que a mulher 'não roubou o esperma'. O colegiado levou em consideração o depoimento da médica, onde ela afirma que Richard Phillips ejaculou, ele entregou seu esperma, 'deu de presente'. Para o tribunal, houve uma transferência absoluta e irrevogável de título de propriedade, já que não houve acordo para que o esperma fosse devolvido.

Sem dúvida, isso parece ser uma caricatura, com toda a sua forma grotesca, do lugar da criança no desejo da mãe que dispensa o pai e a palavra dele, mas não o seu corpo, a

sua carne. A meu ver, parece ser o avesso de Medeia, no sentido de a mulher não encontrar o significante do seu desejo no corpo de um homem, mas sim no corpo da criança, um capricho que até se legitimou. No fundo, penso que o campo de investigação que se abre implicaria em perceber o modo pelo qual a economia libidinal se insere no sujeito feminino, na experiência que aqui destacamos em relação à procriação.

O lugar da criança para toda mulher que passou pelo Édipo é o de preencher a falta fálica sustentada por um amor ao pai. A falta fálica está relacionada, pois, ao amor por um homem. No entanto, não é isso o que vemos quando se encomenda uma criança via laboratório, ou às expensas do pai, guardada a proporção do "nem todos". A ciência gerou efeitos que podem ser devastadores para aquilo que constitui um certo campo de articulação, de organização do desejo do Outro, próprio do momento em que uma criança vem ao mundo.

Isso permite observar que a inexistência do Outro está, de certo modo, escancarada naquilo que a ciência produz ou favorece. O filho é buscado por uma mulher em detrimento do homem, e essa seria uma das formas pelas quais ela anula a função paterna – o pai é totalmente desautorizado, desinvestido. Mais além de uma ficção jurídica que pudesse dar conta daquilo que os efeitos da ciência ou o avesso de Medeia apresentam, pensar que a mulher pudesse recuperar algo do seu amor a um homem não seria o que aponta a direção de um tratamento para a angústia avassaladora quando, por exemplo, há casos em que ela não consegue ter filhos e busca o banco de óvulos?

Para Medeia, "a mulher de verdade", a existência da criança só faz sentido se estiver voltada, do ponto de vista do seu amor, para um homem. Se isso não acontece, a criança não tem sentido; ela, então, é morta. Nesse caso que denominamos o avesso de Medeia, o amor dirigido a um

homem está rechaçado; o que importa é a criança. E, assim, a ciência é um fator que favorece esse processo; ela é coadjuvante. Nem mãe nem mulher. Ou, mesmo, a ausência dessa divisão na predominância do real do gozo feminino em detrimento do simbólico. O avesso de Medeia, enfim, nos conduziria a refletir sobre a questão da mulher postiça? (banco de óvulos, barriga de aluguel...).

La femme à postiche

Tivemos uma base teórica formalizada sob o aspecto de que a operação com o falo, com o significante fálico, diz de toda uma experiência do sujeito com a linguagem, principalmente do lugar da falta que é inaugurado com a sua marca, sua inscrição no ser falante. A falta-a-ser e a falta-a-ter são as coordenadas que estão em jogo na relação entre os sexos. Desse modo, ser o falo e ter o falo são o ponto de partida para os interesses da economia libidinal, que preside o endereçamento de uma mulher a um homem e vice-versa, à medida que a contingência de um encontro amoroso se apresenta na realização de um desejo sexual. Como semblante, o falo é correlativo da castração, pois ele esconde o nada, a falta-a-ter.

Dessa forma, uma organização do modo de vida se estabelece a partir da maneira em relação à qual uma falta está colocada, ela já está lá. Consentir com isso, do lado da mulher, faz com que ela se torne a causa do desejo de um homem. Do lado do homem, apoiado na anatomia do órgão masculino, no ter, ele busca na mulher a categoria superior a isso, ou seja, o ser, ser o falo. É esse o lugar da mascarada quando ela assume ser o falo para o homem, demonstrando que ele, o falo, esconde o nada. Para o homem, há uma "falicização" da mulher e para a mulher, a do filho, entendendo-se este termo "falicização" como a necessidade de não se separar do objeto que está fora do corpo.

Mas não é tão seguro assim a afinidade existente entre as mulheres e o semblante. Segundo Miller, observa-se nelas um ódio muito especial ao semblante¹¹, do qual se extrai um termo audacioso, a saber, o cinismo feminino, tornando as mulheres mais próximas do real, já que elas não têm a mesma relação com a castração que os homens, e evidenciando, por isso, a vacuidade do real que escapa à ordem simbólica, a toda trama de significação. Ela denuncia o semblante, se podemos dizer assim, esburaca o que ocupa o masculino, os semblantes da cultura. A posição feminina não se presta facilmente à substituição do real pelo semblante.

O Nome-do-Pai é um semblante, se o entendermos como a sublimação da linguagem – o retrato da linguagem no ser falante. Se dizemos que o Nome-do-Pai metaforiza o desejo da mãe, é porque ele oculta o princípio feminino sobre o ideal masculino. Desse modo, absolutiza-se a mulher como o Outro, pois algo permanece como mistério absoluto fora do falo¹². Ninguém entende o que uma mulher quer.

Pergunto-me se, em meio à chance contemporânea de uma mulher ter um filho dispensando o pai, seria possível perceber aí certa inversão, à medida que um princípio feminino subverte o ideal masculino nesse mistério que envolve a queda da referência paterna na civilização atual.

Questiono se daí não adviria, portanto, o avesso de Medeia, no sentido de que o objeto exclusivo de interesse de uma mulher fosse, dessa vez, o filho, sem metáfora, fabricado num laboratório, às expensas da palavra do pai, seja como meio de introduzir uma continuidade na existência, ou de obter pensão, ou de se ocupar, ou de exercer seu delírio sobre o filho... Ou mesmo mantendo sua visada, que seria atingir o homem, que se assenta no fato social aparentemente natural e normal de procriar.

De algum modo, percebe-se nesse desejo de ter o filho algo que não passa por uma mediação simbólica, e sim por uma realização pulsional única e exclusiva, que estivesse

regida por um capricho especial, perfurando o semblante do pai. Trata-se de obter um filho, e o resto não importa; às vezes, nem o próprio filho, quando, finalmente, ele nasce.

O postigo, nas mulheres, diz Miller, pode tornar apenas aparente a ausência de fetichismo feminino¹³. O termo se refere a algo que se pode colocar e tirar, que

[...] é algo que se faz *a posteriori*, e resulta ser adequado para nomear o que não é, precisamente, uma parte do corpo, que não pode ser selecionado entre os apêndices do corpo, mas ocupa o lugar de algo que não está e recoloca artificialmente algo natural. O postigo (que pode estender-se até qualificar a todo personagem que não possui a qualidade que se atribui), responde a falta a ter¹⁴.

Certamente, isso permite dizer da mulher com postigo, aquela que

[...] se agrega ao que lhe falta, sempre que, secretamente, provenha de um homem e pareça dela mesma, seja o saber ou o poder. [...] a mulher com postigo desmente a posição de ser a que não tem, é a que tem, é a que se constitui na vertente do ter. Por isso, opor-se-ia à mulher, ao sujeito que opera com seu *não ter*¹⁵.

Ela desloca o valor do pênis como falo sobre si mesma... ela pode ser, de forma invisível, a proprietária de um esperma!... Isso é muito louco, principalmente se retermos o que Miller nos diz sobre a mulher com postigo, a saber: para que o postigo se sustente, é preciso que se faça com pedaços de um homem!

Breves e obscuras conjecturas a partir da reprodução assistida

Essa possibilidade que a ciência propicia - a de o pai poder não existir - nos convoca também a uma reflexão sob a forma de conjecturas lançadas para um futuro próximo, e que tiveram como primórdio a discussão sobre a clonagem.

Há um bom tempo, estava eu no consultório do meu clínico geral, quando, como é nosso agradável costume,

começamos a conversar sobre coisas alheias, e, daquela vez, sobre tais conjeturas, especialmente sobre a queda dos ideais. Para minha surpresa, eis que ele apresenta a seguinte hipótese para o futuro: "o pai ausente para sempre".

Como assim? Isso mesmo: o pai ausente para sempre. Mas, o que isso quer dizer? Que carne é essa? Que corpo é esse? Evidentemente, era preciso saber mais. Foi assim que pelo menos três condições da reprodução assistida, trazidas resumidamente a seguir, introduziram o assunto do "pai ausente para sempre":

A primeira se refere à "escolha genética visual", ou seja, a mulher, de acordo com suas afeições, caprichos ou "loucura", escolhe um parceiro com quem ela quer ter um filho, condição essa recolhida de mulheres tidas como "bem sucedidas". Trata-se de algo como uma vitrine de exposição, através da qual se pudesse escolher: "eu quero esse, que é assim... ou aquele que é daquele outro jeito..., ou esse aqui, que possui essas e mais essas características..." Essas mulheres, segundo a Medicina, querem ser mães, e não esposas.

A segunda é considerada como "meia-mãe": ainda que seja menos comum, essa condição se refere aos casos em que a mulher apresenta ausência de óvulos e, então, o índice de adoção de um filho é maior.

A terceira é tida como a condição mais frequente: a mulher cede um óvulo, que é encaminhado para o banco de espermatozoides.

Nesse caso, segundo o médico, a escolha genética é real, pois se acrescenta o fato de que, nas células *in vitro*, pode-se optar pelos melhores espermatozoides, num movimento de substituição da seleção natural. O "olho do cientista" é que selecionaria quem vai viver nessa casinha de vidro, a partir da preferência pela cor dos olhos, do cabelo, o nível intelectual, o tipo de pele... todos esses

itens impressos num código genético. As características físicas podem ser escolhidas à medida que um percurso se estabelece, qual seja, o do acaso ao racional. O ser que virá terá sido escolhido tanto pelo cientista quanto pelo ideal de perfeição ou busca do zênite pela futura mãe.

Nessa sequência, vem a conjectura-mor: a aniquilação da diferença sexual, ou a "robotização da humanidade", tal como nomeado pelo médico, em baixo tom de voz, como se estivesse me fazendo uma confidência.

Mas, se a ciência presume que o pai será ausente para sempre, a psicanálise, por sua vez, poderá provar a função lógica do pai como impossível. Logo, se as novas ficções se apresentam como um modo de suplência em relação a esse vazio que se instaurou na função de transmissão do Nome-do-Pai, fica a questão de conhecer os efeitos que a reprodução biológica acarreta para as funções de transmissão desse Nome.

Na verdade, podemos dizer que o *sinthoma* continua existindo, ou seja, a maneira de cada um se virar com o seu osso. O fato de a ciência lidar com novas modalidades dos aspectos que envolvem a existência humana não elimina o *sinthoma*, e sabemos ser este que vai fazer valer a função reprodutiva do Nome-do-Pai.

As cortinas se fecham, e a posição de assistirmos ao que uma reprodução tem de assistida pode ganhar outro olhar, ou, simplesmente, outro lugar: do olhar as vitrines com os melhores códigos genéticos à voz, ao levar a voz aonde quer que uma pergunta sobre o desejo se faça. Esse pode ser o contorno do berço de uma criança, ainda que, inicialmente, ele seja de vidro.

¹ Esse trabalho foi apresentado na abertura de uma das atividades do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise com Crianças, do IPSMMG, quando eu mesma o coordenava, em 2011.

-
- ²PALOMERA, V.(2006) "Novas considerações da paternidade: a partir do direito". In *Opção Lacaniana*, n. 47, São Paulo, p. 28.
- ³LACAN, J. 1998[1966]"Ciência e Verdade". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.869 e 870.
- ⁴LAURENT, É. "El niño como real del delirio familiar". In *blog da Escuela Lacaniana de Psicoanálisis*. <http://www.blogelp.com>, 18/12/2008.
- ⁵ Trabalhei esse aspecto moebiano entre a mãe e a criança, em um texto publicado na revista eletrônica do IPSMMG, Ano 3, N° 05, julho a dezembro de 2009, <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/almanaque5.htm>
- ⁶LACAN, J. (1995 [1956-1957]). *O Seminário, livro 4 : A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 385.
- ⁷ Idem, p. 386.
- ⁸LACAN, J. "Subversão do sujeito e dialética do desejo". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998[1966], p. 827.
- ⁹PALOMERA, V.(2006) - *Op.cit.*, idem.
- ¹⁰LAURENT, É. "O que as psicoses ensinam à clínica das neuroses". In *Curinga*, n. 14, Belo Horizonte: E.B.P, abr./2000, p. 181
- ¹¹MILLER, J-A. *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 125
- ¹²MILLER, J-A. Idem, p. 135.
- ¹³MILLER, J-A. Idem, p. 138.
- ¹⁴MILLER, J-A. Idem,p. 149.
- ¹⁵MILLER, J-A. Idem, p. 157.